

HERANÇAS E ALINHAMENTOS NAS *REFLEXÕES* DO FILÓSOFO LUSO-BRASILEIRO MATIAS AIRES RAMOS DA SILVA DE EÇA (1705-1763): **DIÁLOGOS COM AS *MAXIMES DE LA* ROCHEFOUCAULD (1613-1680)**

INHERITANCES AND ALIGNMENTS IN THE "REFLEXÕES" OF THE PORTUGUESE-BRAZILIAN PHILOSOPHER MATIAS AIRES RAMOS DA SILVA DE EÇA (1705-1763): DIALOGUES WITH THE "MAXIMES" OF LA ROCHEFOUCAULD (1613-1680)

RAFAEL PENIDO VILELA RODRIGUES

RESUMO: Este artigo investiga as influências teóricas e filosóficas presentes na obra *Reflexões sobre a Vaidade dos Homens*, publicada em 1752 pelo filósofo luso-brasileiro Matias Aires Ramos da Silva de Eça (1705-1763). Destaca-se o fato de serem encontrados poucos estudos sobre o autor e a obra, tanto em Portugal quanto no Brasil, bem como de ter sido escrita sem a preocupação com referências ou citações que auxiliem o estudioso no entendimento mais arguto do texto. Este artigo visa, então, preencher algumas lacunas sobre o assunto, especialmente a respeito do *modus operandi* do Iluminismo português do século XVIII e seus contrastes com a filosofia de Matias Aires, fazendo-nos recuar até suas afinidades eletivas com a filosofia do século anterior. Mais especificamente, a obra é analisada à luz do moralismo francês do século XVII, principalmente das *Maximes Morales* de François La Rochefoucauld (1613-1680). A metodologia utilizada aqui será de ordem exegética e por fim comparativa, norteando tal comparação especialmente no contraste com a obra de La Rochefoucauld. Tudo isso ajudará a sustentar a hipótese inicial e evidenciar com mais precisão a influência do moralismo francês nas *Reflexões sobre a Vaidade dos Homens*.

PALAVRAS-CHAVE: Matias Aires, La Rochefoucauld, moralismo, vaidade.

ABSTRACT: This article investigates the theoretical and philosophical influences present in the work *Reflexões sobre a Vaidade dos Homens*, published in 1752 by the Portuguese-Brazilian philosopher Matias Aires Ramos da Silva de Eça (1705-1763). It is noteworthy the fact that few studies about the author and the work are found, both in Portugal and in Brazil, in addition to being written without the concern with references or citations that help the scholar in the better understanding of the text. This article aims, therefore, to fill in some gaps on the subject, especially regarding the *modus operandi* of Portuguese Enlightenment of the 18th century and its contrasts with the philosophy of Matias Aires, making us return to its elective affinities with the philosophy of the previous century. More specifically, the work is analyzed in the light of 17th century French moralism, mainly from the *Maximes Morales*

by François La Rochefoucauld (1613-1680). The methodology used here will be exegetical and lastly comparative, guiding this comparison especially in contrast to the work of La Rochefoucauld. All of this will help to support the initial hypothesis and to demonstrate more precisely the influence of French moralism in the *Reflexões sobre a Vaidade dos Homens*.

KEYWORDS: Matias Aires, La Rochefoucauld, moralism, vanity.

INTRODUÇÃO

Em 1752 a capital do império português presenciava a publicação da primeira edição das *Reflexões Sobre a Vaidade dos Homens ou Discursos Moraes sobre os efeitos da Vaidade*, oferecidos a El-Rey D. Joseph I. O autor era Matias Aires Ramos da Silva de Eça: um brasileiro, nascido na Capitania de São Paulo em 1705, filho de um português de origem humilde, mas que se enriqueceu na América Portuguesa, e de uma paulista de família prestigiosa. A obra foi relativamente bem recebida, o que se verifica pelas três reedições ainda no século XVIII, de 1761, 1778 e 1786 – sendo as duas últimas póstumas e incluindo a *Carta sobre a Fortuna*, anexada pelo filho mais jovem do autor, Manuel Inácio, para quem supostamente a carta foi endereçada (Cf. MESQUITA, 1998; REAL, 2008).

Matias Aires se dedicou a estudar um tema de profundo significado pessoal, afinal a sua vida sempre esteve às voltas dos prazeres que a vaidade alimenta. As *Reflexões Sobre a Vaidade dos Homens*, segundo Alceu Amoroso Lima (1952, p. 16), são a experiência de uma vida e o reflexo de um caráter. Do mesmo modo, Miguel Real (2008, p. 11) afirma que divorciar as meditações intelectuais do itinerário existencial do filósofo luso-brasileiro constitui-se como manifesta sufocação do elemento mediador entre o contexto social setecentista e o conteúdo intelectual do pensamento singular deste autor.

Fato é que Aires viveu uma vida suntuosa, cheia de faustos e contradições. Teve uma vida perpassada por crises pessoais e contendas familiares, marcada por disputas em busca de status e prestígio social. O mesmo autor que herda do pai o poderoso cargo de Provedor da Casa da Moeda de Portugal teve de conviver com a condição indesejada de colono, que era caracterizada como inferior na hierarquia social da época. Ele, que escreve contra as vaidades, luta por manter para si o exclusivo direito de usar o brasão de família, tentando negá-lo à mãe e à irmã, além de alterar seu sobrenome pelo menos cinco vezes ao longo da vida, na tentativa de manter certa aparência simbólica. Mas, numa série de quebras e rupturas na conjuntura do seu convívio social, Aires passa por uma queda brusca em seu prestígio, criando desavenças o Marquês de Pombal no ano de 1760 e sendo expulso da alta vida social lisboeta, vindo a morrer em severo estado de misantropia (Cf. ENNES, 1944; LEAL, 1948; MESQUITA, 1998; COELHO, 2005; FIGUEIREDO, 2005).

O autor, ainda em São Paulo, foi iniciado na educação jesuítica, onde aprendeu os rudimentos das ciências humanas e divinas, que iriam ocupar toda a sua vida de misantropo e meditativo (AMOROSO LIMA, 1952, p. 9). De fato, desde jovem ele esteve atento ao que a intelectualidade poderia lhe oferecer, usufruindo do estatuto de filho endinheirado, frequentando os palacetes de nobres portugueses e os ambientes literários da capital imperial, como a Academia dos Aplicados de Lisboa, que frequentou desde os dezoito anos, quando já estava com a família na Europa. Matias Aires estudou no colégio jesuíta de Santo Antão, em Lisboa, e mais tarde, entre 1722 e 1726, estudou Artes e Leis (Direito) na Universidade de Coimbra, deixando os estudos incompletos. Depois, por ter golpeado uma escrava, vê-se forçado a ir para Baiona e Paris, na França, para estudar na Sorbonne, numa viagem que dura cerca de 5 anos. Este é um fato importante que nos permite evidenciar sua base teórico-filosófica e suas influências mais diretas (MESQUITA, 1998, p. 14; FIGUEIREDO, 2005, p. 223).

Os anos que Matias Aires passou na França foram decisivos para a sua formação intelectual. Seus comentadores frequentemente apontam para a influência do pensamento moralista francês

do século XVII nas *Reflexões*, especialmente das *Maximes Morales*, de La Rochefoucauld. Mas não se trata de uma constatação evidente, pois a obra não contém citações ou referências diretas que permitam ao leitor traçar este caminho. Portanto, neste artigo, percorreremos as entrelinhas do texto partindo do contexto do autor, para assim tentar encontrar de forma indutiva e indireta os indícios de que a corrente moralista francesa influenciou a formação do autor. Será preciso, antes de tudo, abordar o *modus operandi* do Iluminismo português, apontando os contrastes com a sua filosofia, para então fazer-nos recuar às suas afinidades eletivas com o séc. XVII. A metodologia utilizada será de ordem exegética e por fim comparativa, norteador tal comparação pela obra de La Rochefoucauld. Tudo isso ajudará a sustentar a hipótese inicial e evidenciar com mais precisão a presença do moralismo setecentista na obra airesiana, servindo-se de tal fato como chave de leitura.

O ILUMINISMO PORTUGUÊS E O CONTRASTE COM A FILOSOFIA DE MATIAS AIRES

A filosofia desenvolvida em Portugal passa por um progresso distinto dos demais países europeus na Idade Moderna. O primeiro grande momento de virada e ruptura (se é que podemos dizer em ruptura) das ideias filosóficas portuguesas com a escolástica jesuítica ocorre somente na metade do século XVIII, com a expulsão dos jesuítas em 1759, pelo Marquês de Pombal. Mesmo assim, historiadores da filosofia intitularam a modernidade portuguesa de *Iluminismo Católico*, por causa da força religiosa institucionalizada e o teor dos problemas filosóficos propostos.

A ilustração portuguesa na época em que Matias Aires escreve, mesmo antes da expulsão dos jesuítas, era marcada pelo influxo da lógica de Port-Royal e a contestação moderada à escolástica, sob perspectivas cartesianas e empiristas. O estudioso português Amândio Coxito (2006) aponta para o fato de que a intenção dos autores de Port-Royal era ensinar em poucos dias a um jovem abastado tudo o que havia de mais útil entre as disciplinas. A simplificação era aconselhada pela experiência de que “[...] entre mil jovens que estudam a lógica não há dez que saibam dela qualquer coisa seis meses após terem concluído os seus cursos, precisamente porque se trata de assuntos demasiado abstractos e aparentemente sem utilidade na vida cotidiana” (COXITO, 2006, p. 46). A lógica de Port-Royal era avessa a diversos preceitos da escolástica, mas não era intencionalmente anti-aristotélica, sendo guiada pelo imperativo da razão e do bom senso, e indo contra a autoridade e o pedantismo, visando a adaptação dos ensinamentos da lógica escolástica à inspiração cartesiana e empirista.

A filosofia de Matias Aires, contudo, não cabia nesses moldes. Ele não estava preocupado com o modelo mecânico dominante de seu século. Suas reflexões não objetivavam o posto de ciência do espírito: eram livres, abertas e pouco conclusivas. Não é à toa que sua obra, atualmente, não está entre os títulos estudados nas cadeiras universitárias de *Filosofia em Portugal I*, lecionada para os bacharelados lusitanos de Filosofia.

Ao analisar mais a fundo o pensamento das Luzes em Portugal, observa-se que esse iluminismo foi essencialmente reformista e pedagógico. O espírito das Luzes portuguesas setecentistas não era revolucionário e nem irreligioso como o francês, mas profundamente progressista, nacionalista e humanista, aproximando-se mais do iluminismo italiano: um iluminismo essencialmente católico. Segundo Coxito (2006, p. 84), o iluminismo português ficou reservado às preocupações

de se manter dentro da ortodoxia católica, numa época em que as questões teológicas tinham primazia sobre a especulação filosófica.

Matias Aires, por sua vez, seria um filósofo aparentemente inclassificável à luz das correntes de sua época. Segundo Miguel Real, Matias Aires não seria

[...] nem escolástico nem ‘moderno’, nem ‘estrangeirado’ nem castiço, nem empirista nem liberal no campo da política, muito menos racionalista segundo o optimismo gnoseológico europeu da época. E inclassificável permanecerá, já que a sua obra não terá continuidade na história do pensamento português dos séculos XIX e XX (REAL, 2006).

Mas não se pode negar que a vaidade, colocada no centro das meditações do autor, é tradicionalmente discutida nos meios teológicos. Esse fato nos faz compreender o acolhimento que sua doutrina dá às paixões como causa do pecado. Do mesmo modo, ele considera que a existência de uma lei moral verdadeira só é possível se for inscrita por Deus na mente humana através da Providência Divina, ao passo que a lei moral humana seria fruto dos exercícios da vaidade no plano da vida social. Essa perspectiva, em todo caso, se identifica com o Iluminismo católico, que “[...] propunha salvaguardar os domínios da revelação e da fé, procurando harmonizá-los com a razão” (COXITO, 2006, p. 84). Contudo, apesar dessa constatação e da aprovação da obra pelo Tribunal do Santo Ofício, não se vê em seu livro uma menção sequer a Cristo. Para Alceu Amoroso Lima, isso revela a influência francesa, com “[...] tendências ao menos anti-monásticas, se não totalmente anticlericais como o seu século” (AMOROSO LIMA, 1952, p. 14).

É certo, porém, que identificar esta perspectiva apenas o aproxima ligeiramente do Iluminismo católico, mas não resolve a aparente inclassificação filosófica de Matias Aires. Como argumenta Ernesto Ennes, “o seu cepticismo, o seu amor às letras clássicas, a influência do estudo das ciências naturais fazem dele uma personalidade muito complexa que só poderia ser convenientemente examinada quando o observador se coloca, sucessivamente, em mais de um ângulo” (ENNES, 1944, p. 9). Ora, as *Reflexões Sobre a Vaidade dos Homens* traz consigo um ceticismo que não condiz com o otimismo racionalista do século das Luzes. Esse ceticismo tem forte inclinação para o *modus operandi* da filosofia no século XVII, especialmente no tocante ao contexto francês com seus moralistas e teóricos das paixões.

A peregrinação de Matias Aires pelas escolas e centros intelectuais franceses deixaram profundas marcas em seu pensamento filosófico. Na obra “*Bibliotheca Lusitana*”, de 1754, tomo IV, escrita por Diogo Barbosa Machado – que era contemporâneo de Matias Aires –, consta que em Baiona Matias Aires aprendeu a língua hebraica, tendo como tutor Monsieur Phourmond, professor de línguas Orientais (conhecedor de 20 línguas estrangeiras) e acadêmico da Academia Real das Ciências de Paris, além de se graduar finalmente em Direito Civil e Canônico e se instruir nas disciplinas matemáticas e experiências físicas e químicas, ensinadas por Godin e Grosse (o primeiro astrônomo e matemático, e o segundo químico), ambos alunos da Academia Real das Ciências (MACHADO, 1754, p. 254).

O estilo literário de Matias Aires também é um forte indício da influência francesa. Ele não escreveu acerca do melhor método de estudar, ou sobre a lógica racional, ou sobre a filosofia natural, como seus contemporâneos portugueses com intuitos pedagógicos reformistas e empíricos. Sua obra é reflexiva, meditativa, ensaística, dotada de certo despreendimento da estrutura racional e enciclopédica que prevaleceu no século XVIII. O conteúdo filosófico

também remete ao espírito quinhentista e seiscentista francês, ligado às obras de Montaigne, La Rochefoucauld, La Bruyère, La Fontaine e Pascal.

Em todo caso, como alerta Miguel Real (2008), não se pode desconsiderar as interrogações que faz aos conceitos, denunciando fundamentações erradas, contestando-os eticamente, além de não disfarçar um notório posicionamento contrário à prevalência social da aristocracia, o que pende sua filosofia para o pensamento setecentista. Segundo Miguel Real, Matias Aires é

Barroco do século XVII e moderno do século XVIII, escolástico e adepto de uma psicologia empírica, crente laico que estatui a religião mais como moderadora dos costumes fundados na vaidade do que como via de santidade, Matias Aires é, assim, um filósofo dividido entre os veios nervosos tradicionais da cultura portuguesa e um modernismo eclético e assistemático, porventura trazido de Paris (REAL, 2008, p.14).

Podemos dizer que Matias Aires foi um homem entre dois mundos, entre dois séculos, entre Portugal e França, ligando duas culturas. Seu espírito filosófico era complexo e difuso, sem muitas demarcações, sem rotulações claras. Mas era aí que estava a sua originalidade: um filósofo do século das Luzes com o pessimismo antropológico do século XVII, que se valia de forma velada de um empirismo, para depois constatar que somente a Graça Divina distinguiria os homens uns dos outros, sendo a vaidade niveladora da condição de decadência humana, no sentido bíblico do termo.

Tendo apresentado os aspectos fundamentais para se entender a vinculação da filosofia de Matias Aires ao moralismo do século XVII, agora se faz necessário voltar o olhar para os pontos em comum entre as *Reflexões sobre a Vaidade dos Homens* e as *Réflexions ou Sentences et Maximes Morales*, de La Rochefoucauld, conforme indicaram Alceu Amoroso Lima (1952, pp. 9-20) e Antônio Pedro Mesquita (1998, pp. 19-20).

INTERSEÇÕES ENTRE A VAIDADE E O AMOUR-PROPRE

É importante, antes de tudo, nos atermos ao conceito de *vaidade* em Matias Aires, para darmos o primeiro passo no entendimento da aproximação com a filosofia de La Rochefoucauld.

Matias Aires toma como seu ponto de partida o famoso versículo do livro bíblico Eclesiastes, citando-o na contracapa das *Reflexões*: *vanitas vanitatum, et omnia vanitas*.¹ A palavra de origem latina, *vanitas*, expressa o sentido de vaidade, vão, vazio, fugaz, efêmero, etc. Nesse mesmo sentido a vaidade aparece em Matias Aires (§§ 2, 10, 14, 32). Ela é, antes de tudo, uma paixão da alma e está relacionada com as noções de orgulho, ostentação, imodéstia, jactância, soberba, gabolice, altivez, cobiça, demasia, empáfia, etc. Esse conceito revela o humano como ser transitório, inconstante e mortal. Tudo seria ilusão na vida humana, mas é a vaidade que nos leva a esta mesma ilusão; é ela que nos faz apegar às aparências de uma vida cheia de faustos, sempre em busca de aplausos e reconhecimentos – que ao fim se mostram inúteis, ou como escrito no Eclesiastes (2, 17), “tudo é correr atrás do vento”. O que se percebe é que o conceito de vaidade é tradicionalmente veiculado pela ilusão provocada no indivíduo que fica imerso no vazio do orgulho de si. Esse vazio transcendental está intimamente ligado à transitoriedade da vida humana, podendo ser representado como o indivíduo que ergue castelos e fortalezas

1 Vaidade das vaidades, tudo é vaidade (tradução livre).

em torno do “eu”, sem esperar que um dia o tempo transforme tudo em poeira e pó. Eis que a vaidade aparece como algo que deve ser superado, uma doença da qual devemos nos curar com o tempo. É uma concepção que encontra suas bases na antropologia moral cristã da negação do corpo e dos prazeres, por serem corruptíveis.

Há, assim, uma aproximação com o conceito setecentista de *amour-propre*, quando esse é envolvido pelo pessimismo moral que condena o orgulho, a aparência e as máscaras do ‘eu’. Esse conceito foi muito bem trabalhado por diversos autores, entre eles La Rochefoucauld. É particularmente flagrante a influência das *Sentences ou maximes Morales* de La Rochefoucauld. Matias Aires certamente bebe na fonte do pessimismo antropológico do duque francês (um pessimismo filosófico e não religioso), ecoando o temperamento moral das *Sentences*, além do estilo literário e da temática da vaidade — que em La Rochefoucauld é o *amour-propre* —, estruturando em ambos toda a meditação filosófica e o conteúdo doutrinário: conceitos (vaidade e *amour-propre* utilizados para serem depreciativos do homem e de sua razão (típico do século XVII – Cf. POPKIN, 2003.).

Aires, no §10, explica a vaidade na comparação com o amor-próprio, que para ele é a consciência da vacuidade humana:

A vaidade parece-se muito com o amor-próprio, se é que não é o mesmo; e se são paixões diversas, sempre é certo que ou a vaidade procede do amor-próprio, ou este é efeito da vaidade. Nasceu o homem para viver em uma contínua aprovação de si mesmo: as outras paixões nos desamparam em um certo tempo, e só nos acompanham em lugares certos; a vaidade em todo o tempo, e em todo o lugar, nos acompanha, e segue, não só nas cidades, mas também nos desertos, não só na primavera dos anos, mas em toda a vida, não no estado da fortuna, mas ainda no tempo da desgraça: paixão fiel, constante companhia e permanente amor (AIRES, 2008, p. 32).

O que é mais provável é que possa haver um *modus operandi* comum entre os dois, situado numa mesma influência, de modo que é preciso recuar um pouco mais no tempo. De acordo com Brito Broca (1949), não é possível identificar de forma precisa um quadro completo de famílias espirituais no cenário francês dos séculos XVI ao XVIII. Mas, em todo caso, há uma tendência visível: a preocupação moral. Os pensadores franceses da época moderna tiveram uma grande inclinação para os problemas morais. Ainda segundo Brito Broca, no fundo, todos devem alguma coisa a Michel de Montaigne (1533-1592), e todos vão beber nas águas dessa espécie de pensamento fluido que são os *Essais*. Montaigne foi o pai de uma estirpe literária que se tornou característica na sociedade francesa: os moralistas. Montaigne transmitiu-lhes certos princípios éticos e culturais, além de uma forma de pensar e agir, cujos impactos se espalharam por pelo menos dois séculos seguintes. É o que afirma Broca: “Montaigne encarna, na expressão mais típica, o espírito de uma civilização detentora da sabedoria dos antigos e que nunca poderá coadunar-se com as paixões e as violências utilitárias do mundo moderno” (BROCA, 1949, p. 7).

La Rochefoucauld (1613-1680) seguiu essa tradição, incorporando em seu pensamento a postura pessimista do moralismo no século XVII, que foi, por outro lado, o século mais marcante do Absolutismo francês, com Luís XIV, o *Rei Sol*, ocupando o trono por longos 72 anos. La Rochefoucauld era nobre por direito hereditário, militar atuante e pôde observar de perto a frivolidade, a hipocrisia, a corrupção e a ambição da corte francesa. Ele se dedicou a fazer profundas reflexões sobre os mais variados temas, como a verdade, a confiança, a virtude, o bem, a sociedade, a diferença dos espíritos, o amor, os vícios, as inclinações humanas e muitos

outros, resultando em máximas e sentenças de caráter moral em que se sobressaem precisamente os valores éticos que deveriam ser cultivados e vividos pelo homem (BROCA, 1949, p. 20-22; BRAGA, 2012, p.9-18).

No século XVII reinou também a arte e a cultura dos salões, e La Rochefoucauld também viu seu espírito filosófico ser forjado nesses meios. O uso de máximas e perfis era uma prática popular no salão de Madame de Sablé, de onde ele se tornou assíduo frequentador. Por isso, ele escolheu adotar esse estilo. A característica é o disfarce do “eu” na síntese das máximas, formalizando o estatuto de moralista (BROCA, 1949, p. 21). Assim, em 1664, surgem as *Réflexions ou Sentences et Maximes Morales*, marcadas profundamente por um agudo pessimismo, sem longas cogitações, sem pesquisas e nem citações, mas concluindo sumariamente em 561 aforismas (incluindo as máximas póstumas), que sentenciam a causa única do mal universal: o amor-próprio.

La Rochefoucauld vai reduzindo tudo a um denominador comum. Virtude? Apenas o desejo de recompensa. Amizade? Interesse. Renúncia aos bens terrenos? Disfarce da vaidade. Gratidão? Manobra hábil para obter-se novos favores. E assim por diante. Entretanto, há muito achado, muita finura nessas máximas, geralmente deliciosas e algumas mesmo geniais. Se o motivo é sempre o mesmo, o moralista descobre-lhe facetas imprevisas. ‘Como se há-de ter o espírito e o coração corrompidos para imaginar tudo isso!’ — exclamou Mme. de Lafayette. É que não raro La Rochefoucauld atinge o cerne vivo da verdade e irrita, fere, causa escândalo (BROCA, 1949, p. 21-22).

MATIAS AIRES E LA ROCHEFOUCAULD: ENTRE AS REFLEXÕES E AS MAXIMES MORALES

O conteúdo filosófico de La Rochefoucauld certamente teve muita influência no pensamento de Matias Aires. O argumento central deste estudo é que o pensamento matiano absorveu diretamente as sentenças do autor francês para sua inspiração. Então, para concluir com precisão, utilizarei o método comparativo, analisando as máximas de La Rochefoucauld e as reflexões de Matias Aires, as quais se interconectam até mesmo na estrutura de parágrafos numerados e aparentemente livres. Além da análise textual comparativa, as indicações pontuais dadas por António Pedro Mesquita (1998, p. 19-20) também ajudarão a estabelecer os principais temas de contato. Para tanto, citarei de forma direta as reflexões dos dois autores, indicando os temas em comum e observando as proximidades entre seus conteúdos filosóficos.

No aforismo 200, diz La Rochefoucauld: “A virtude não iria tão longe se a vaidade não lhe fizesse companhia” (LA ROCHEFOUCAULD, 1664, p. 36). No § 8, Matias Aires afirma com o mesmo teor que toda virtude é uma forma de vaidade, dizendo:

A vaidade, por ser causa de alguns males, não deixa de ser princípio de alguns bens das virtudes meramente humanas, poucas se haviam de achar nos homens, se nos homens não houvesse vaidade: não só seriam raras as ações de valor, de generosidade, e de constância, mas ainda estes termos, ou palavras, seriam como bárbaros, e ignorados totalmente (AIRES, 2008, p. 31).

A postura norteadora e idealista da vaidade, neste caso, culmina em um cinismo moral que acaba na conclusão de que nossas virtudes são apenas vícios. Do mesmo modo, no aforismo 409,

La Rochefoucauld diz: “Teríamos muitas vezes vergonha de nossas mais belas ações se todos vissem os motivos que as produzem” (LA ROCHEFOUCAULD, 1664, p. 67). No § 11, com outras palavras, Matias Aires afirma acerca das motivações vaidosas que conferem o curso das ações dos homens no tempo:

Nada contribui tanto para a sociedade dos homens como a mesma vaidade deles: os impérios e repúblicas, não tiveram outra origem, ou ao menos não tiveram outro princípio, em que mais seguramente se fundassem: na repartição da terra, não só fez ajuntar os homens os mesmos gêneros de interesses, mas também os mesmos gêneros de vaidades, e nisto se vêem dois efeitos contrários; porque sendo próprio na vaidade o separar os homens, também serve muitas vezes de os unir (AIRES, 2008, p. 32-33).

Por outro lado, algumas das intuições distintamente matianas encontram-se também em estado germinal no moralista francês, por exemplo, a concepção do amor como um princípio de inconstância, quando La Rochefoucauld escreve no aforismo 175: “A constância no amor é uma inconstância perene que faz que nosso coração se prenda sucessivamente a todas as qualidades da pessoa amada, dando preferência ora a uma, ora a outra: de modo que essa constância não é senão uma inconstância fixa e concentrada num mesmo objeto” (LA ROCHEFOUCAULD, 1664, p. 32). E, nas *Reflexões* de Matias Aires, no § 69, vê-se um desenvolvimento da ideia:

Quem disse que o amor é cego, errou; mais certo é ser cega a vaidade. O emprego do amor é a formosura, e quem nunca a viu como a há de amar? No amor há uma escolha, ou eleição, e quem não vê, não distingue, nem elege; o amor vem por natureza, a vaidade por contágio; o amor busca unir felicidade física, e por consequência material e visível: a vaidade busca um bem de ideia, e fantasia, e por consequência cego: a estimação dos homens é o objeto maior da vaidade; objeto vago, e que não tem figura própria em que possa versar (AIRES, 2008, p. 59).

Outro aspecto desenvolvido por Aires está na importância atribuída, ainda que episodicamente, ao papel reprodutivo da sociabilidade, afirmado por La Rochefoucauld no aforismo 261: “A educação que, geralmente, se ministra aos jovens, é um segundo amor-próprio que se lhes inspira” (LA ROCHEFOUCAULD, 1664, p. 46). O que Matias Aires desenvolve no § 89, dizendo: “A sociedade dos homens forma um concerto de infinitas vozes, e de infinita diversidade. Todos choram, e todos cantam; a vaidade a todos dá por que cantem, e por que choram; todos entram como partes principais” (AIRES, 2008, p. 86).

Também se destaca a percepção de que a vaidade, em La Rochefoucauld, neste caso, associada ao *orgueil*, constitui uma máscara para a consciência da precariedade da vida humana. No aforismo 36, La Rochefoucauld escreve: “Parece que a natureza, que tão sabiamente dispôs os órgãos de nosso corpo para nos fazer felizes, nos deu também o orgulho para nos poupar a dor de conhecer nossas imperfeições” (LA ROCHEFOUCAULD, 1664, p. 12). Paralelamente, Matias Aires escreve, logo no § 3, sobre o véu da vaidade que engana a aparência das boas ações, dizendo:

De todas as paixões, a que mais se esconde é a vaidade: e se esconde de tal forma, que a si mesma se oculta, e ignora: ainda as ações mais piás nascem

muitas vezes de uma vaidade mística, que a alma recebe é como um espelho em que nos vemos superiores aos demais homens pelo bem que obramos, e nisso consiste a vaidade de obrar o bem (AIRES, 2008, p. 30).

São muitos os exemplos que podem ser extraídos de um e de outro, embora a proposta deste artigo não seja apresentá-los exaustivamente. É uma afinidade que não se resume aos influxos e paralelismos dos temas de Matias Aires com La Rochefoucauld, mas que expande-se por toda a escrita dos autores, por meio de outras semelhanças como: o estilo rebuscado e incisivo; a proposta de escrever em aforismos numerados que podem ser lidos separadamente; a ausência da primeira pessoa, deixando o *eu* velado entre as entrelinhas do texto; a antropologia moral pessimista e cética, etc.

Para além disso, é possível interpretar que Matias Aires foi mais longe do que La Rochefoucauld, como argumentou Mesquita (1998, p. 20). No entanto, essa interpretação talvez seja pretensiosa e anacrônica, pois é preciso distinguir e contextualizar a vida e a obra dos dois autores, apontando os possíveis avanços não como *distâncias*, como se existisse um percurso linear e teleológico da Filosofia, mas sim como desdobramentos de pensamentos, o que caracteriza a originalidade de um autor como Matias Aires. Originalidade esta que Matias Aires de fato expressa, por exemplo, ao refletir com profundidade sobre a morte e sobre relação entre natureza e sociedade, e também ao desenvolver uma análise minuciosa da sociedade aristocrática e apontar suas consequências políticas. Essas características não encontram paralelo em La Rochefoucauld; por outro lado, é possível argumentar que influência e originalidade podem andar juntas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Passando por sua formação acadêmica e intelectual, conseguimos nos encaminhar com cautela e sem falsos atalhos para a principal influência de Matias Aires: La Rochefoucauld, onde encontramos paralelos importantes e um campo filosófico bem germinado, por onde repousou o filósofo luso-brasileiro.

Em suma, nota-se a nostalgia francesa que emerge das *Reflexões* de Matias Aires. O brasileiro de nascença, filho de endinheirado, abastado na hierarquia social por aquisição de cargo, formado na França, se sentia um desterrado em Portugal, era um verdadeiro ‘intelectual diletante estrangeirado’ (Cf. DOMINGUES, 2017), com suas francesias, mas diferindo das outras de seu tempo. Isso refletiu profundamente na sua filosofia, que se substanciou no contato com os conflitos e dilemas de uma vida marcada pela vaidade que ele mesmo fez questão de descrever e criticar, ao reatar uma vertente da filosofia socrática que vê na filosofia antes de tudo a medicina da alma, como, aliás, os moralistas franceses.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AIRES, Matias (1752). 'Reflexões sobre a Vaidade dos Homens'. Rio de Janeiro: Editora Escala, 2008. 170 p.

AIRES, Matias (1752). 'Reflexões sôbre a Vaidade dos homens: ou Discursos Morais sôbre os efeitos da Vaidade oferecidos a El-Rei Nosso Senhor D. José I'. São Paulo: Livraria Martins, 1952.

AMOROSO LIMA, Alceu. Introdução. Em: AIRES, Matias. 'Reflexões sôbre a Vaidade dos homens: ou Discursos Morais sôbre os efeitos da Vaidade oferecidos a El-Rei Nosso Senhor D. José I'. São Paulo: Livraria Martins, 1952. p. 9-20.

BROCA, J. Brito (Ed.). 'Pensadores Franceses'. Clássicos Jackson – Volume XII. São Paulo: Gráfica Editora Brasileira Ltda., 1949. 367 p.

CALAFATE, Pedro (Org.). 'História do Pensamento Filosófico Português'. Vols. II e III. Lisboa: Editorial Caminho, 2001.

COXITO, Amândio. 'Estudos sobre a Filosofia em Portugal na Época do Iluminismo'. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2006, 276 pp.

DOMINGUES, Ivan. 'Filosofia no Brasil: Legados e Perspectivas: Ensaio Metafilosófico'. São Paulo: Editora Unesp, 2017. 561 p.

ENNES, Ernesto. 'Dois paulistas insignes: Jose Ramos da Silva e Matias Aires Ramos da Silva de Eça: (contribuição para o estudo crítico da sua obra) (1705-1763)'. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944. xvii, 487p. (Biblioteca pedagógica brasileira. Série 5a., Brasiliana; 236).

LA ROCHEFOUCAULD, François de. 'Réflexions ou Sentences et Maximes Morales'. [S.I.]: Édition Du Groupe «Ebooks Libres Et Gratuits», 1664. 425 p. Disponível em: http://www.madissertation.fr/wp-content/uploads/2018/02/la_rochefoucauld_maximes.pdf. Acesso em: 29 mar. 2021.

LA ROCHEFOUCAULD, François de (1664). 'Reflexões e Máximas Morais'. Rio de Janeiro: Editora Ediouro, [S.I.]. 153 p. Clássicos de Bolso. Tradução de Alcântara Silveira.

MESQUITA, António Pedro. 'Homem, Sociedade e Comunidade Política: O Pensamento Filosófico de Matias Aires (1705-1763)'. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1998. 182 p.

POPKIN, Richard H. M. 'História do Ceticismo: de Erasmo a Spinoza'. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2000. 381 p. Traduzido por Danilo Marcondes de Souza Filho.

POPKIN, Richard. 'The History of Scepticism from Savonarola to Bayle'. Oxford: Oxford University Press, 2003.

REAL, Miguel. 'Matias Aires, filósofo sintrense'. 2006. Disponível em: <<http://alagamaresnews.blogspot.com.br/2012/12/matias-aires-filosofo-sintrense-por.html>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

REAL, Miguel. 'Matias Aires: As Máscaras da Vaidade'. Lisboa: Sete Caminhos, 2008. 79 p. (Vidas com História). Prefácio de António Braz Teixeira.